



INÊS
PEDROSA

SEM RECEITA

Carta ao livro

É contigo que conto no silêncio da madrugada, quando o sono não vem porque os sonhos desapareceram. As tuas palavras rigorosas protegem-me das palavras armadilhadas que circulam fora de ti. Contigo consigo sobreviver ao abismo das palavras que não ouço e que me faltam, no palavreado inconsequente dos dias. Dizem que existes para contar uma história bem contada – mas isso qualquer um pode fazer. O mundo está cheio de histórias bem contadas – nos jornais, na boca das pessoas, na rádio, na televisão. Isso não chega para fazer um livro. É o modo de contar a história que conta – as palavras que se escolhem e o modo como convivem entre si, os sentimentos que se iluminam e dão rumo aos pensamentos. «Mais vezes tenho visto um gato pensar do que rir ou chorar», escreveu Miguel de Unamuno, explicando assim uma coisa que a análise da vida de qualquer filósofo esclarece: os nossos pensamentos são filhos dos nossos afectos. O inteligentíssimo livro *Os Filósofos e o Amor*, de Aude Lancelin e Marie Lemonnier (tradução de Carlos Vaz Marques, edição Tinta-da-China), demonstra-o com uma clareza cirúrgica. Marguerite Duras dizia que só escrevemos sobre nós mesmos – o que não é o contrário de escrever a vidinha, tal qual decorre. Escrevemos sobre o que restou do que nos aconteceu. Escrevemos sobre escombros, cinzas de incêndios, esperando que a escrita transforme as cinzas e os escombros num território de beleza. A beleza tem o poder avassalador de dar sentido à vida – a beleza da paixão, que faz do mundo o prolongamento científico do sorriso do ser amado, um sorriso que contrasta com tudo o que é falso ou cruel, e por isso nos torna lúcidos. Tu prolongas os instantes do Amor e ensinas-nos que

não estamos sós nesse oceano de desamor que tantas vezes parece submergir-nos.

Gosto de te abrir ao acaso, de percorrer com os dedos cada palavra, senti-la como se fosse um corpo. Gosto de te cheirar, de te sublinhar, de escrever frases nas tuas margens. Nunca consegui gostar de um corpo que não tivesse a inclinação específica dos corpos que se dobram sobre os livros. Isso não me tornou automaticamente feliz, porque há quem use os livros como refúgio contra as escolhas e os obstáculos da vida, há quem deslize pelos livros em diagonal, como numa pista de esqui e há quem use os livros como meros objectos tácteis ou armas de arremesso contra a ignorância alheia. Crescer é aprender a distinguir tipos de leitores e leituras. Não é fácil.

Nunca saio de casa sem te levar comigo, livro. Tens-me poupado o desespero



©Pedro Vieira

Nunca consegui gostar de um corpo que não tivesse a inclinação específica dos corpos que se dobram sobre os livros. Crescer é aprender a distinguir tipos de leitores e leituras. Não é fácil.

do tempo de espera em repartições e consultórios, o tédio das conversas de circunstância, as aproximações indesejáveis. Tens conseguido que a minha esperança nunca desça abaixo do grau zero. Tens-me permitido compreender a grandeza humana nos dias em que só encontro mesquinhez e ingratidão. Sem ti, não conseguiria conversar com os meus mortos nem relativizar a minha melancolia. Nos dias em que temo que o livro que estou a escrever não seja capaz de dizer o que eu quero que diga (e muitas vezes não sei o que é) pego num livro que já ninguém está a ler – um livro de José Cardoso Pires, um livro de Vergílio Ferreira, um livro de Augusto Abelaira, um livro de Natália Correia, um livro de António Alçada Baptista. Um livro de um destes escritores que conheci e amo, e que foram celebrados em vida e aparentemente esquecidos nos anos que se seguiram à sua morte. Reencontro-os, página a página – e não me interessa se aquelas páginas são as mais perfeitas do mundo ou qual deles é o melhor. Nunca me interessou. Interessa-me saber que os temas que me ocupam e as dúvidas e inseguranças que me abalam são as deles, e que eles estarão comigo até ao fim da vida, e que cada palavra que eu escreva estará amparada pelas que eles já escreveram.

Tu és um amigo que não desilude, um amante sempre terno, o derradeiro reduto da doçura e da verdade. Vivemos num tempo de orgulhos em competição irónica, gastamo-nos nisso, perdemos muitas vezes o essencial – que as tuas páginas guardam, para lá das histórias e dos enredos que são apenas o icebergue dos sentimentos e das ideias que te criam, palavra a palavra, como intensificador de existências. Obrigada por existires, livro.